

FLUXO
CONTÍNUO

CADERNO
DE
ARTISTA

CASA

LÍQUIDA

UMA PERFORMANCE-PESQUISA

LIQUID

HOUSE

A PERFORMANCE RESEARCH

Julia Feldens¹

¹ Julia Feldens é performer, mestre e doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Há 8 anos realiza uma ação-manifesto intitulada "Casa Líquida" na qual compartilha sua casa com centenas de artistas. email: juliafeldens@gmail.com número orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6344-5192>

RESUMO

Este texto é uma reflexão sobre a “Casa Líquida”, performance que realizo há oito anos cuja ação é abrir minha casa, em que moro com meus dois filhos, para um uso coletivo. Esta ação foi também meu objeto de pesquisa da iniciação científica (2017), da monografia (2018), da dissertação (2021) e agora é meu campo de pesquisa para o doutorado (2023). Desde 2015, minha casa recebeu centenas de artistas e abrigou inúmeros projetos, borrando fronteiras entre público e privado e tensionando ideias como família e propriedade. Escrever sob meu objeto de análise e misturar metodologia de pesquisa e escolhas de vida, embaralha perspectivas e lugares de fala trazendo para a escrita e para o exercício artístico outras complexidades e densidades.

Palavras-chave

Performance. Corpo. Subjetividade. Política. Casa.

ABSTRACT

This text is a brief reflection on “Casa Líquida”, a performance that he has been performing for eight years, whose action is to open up my house where I live with my two children for collective use. This action was also my research object for the scientific initiation (2017), the monograph (2018), the dissertation (2021) and is now my field of research for the doctorate (2023). Since 2015, my house has hosted hundreds of artists and housed countless projects, blurring boundaries between public and private and tensioning ideas like family and property. Writing under my object of analysis and mixing research methodology and life choices, shuffling perspectives and places of speech bringing other complexities and densities to writing and artistic practice.

Keywords

Performance. Body. Subjectivity. Politics. House

Há oito anos realizo uma performance cuja ação é abrir meu espaço doméstico para um uso coletivo. Desde então, eu, meus dois filhos, e a nossa casa como edificação, recebemos centenas de artistas, pesquisadores e ativistas entre os que moraram, trabalharam e criaram aqui. Esta ação tensiona ideias como família e propriedade e abre um campo de reflexão sobre relações, território e subjetividade.

Com o objetivo de criar uma performance cujas consequências pudessem ser analisadas por mim, dei início à “Casa Líquida” no segundo semestre de Comunicação das Artes do Corpo (PUC-SP), finalizado em 2018 com o título de bacharel em performance. A Casa e tudo que ela gerou, foi meu campo de pesquisa desde a iniciação científica até meu doutorado. Vivo há oito anos sob meu objeto de análise o que me proporcionou observá-lo em diferentes momentos e olhá-lo sob diversas perspectivas. Durante esses anos, Casa Líquida, nome que dei à ação de abrir nossas portas a outras pessoas e usos, também passou a ser o nome da nossa casa, espaço em que esta ação ainda se desenvolve criando novos territórios e transformando as pessoas que por ela são afetadas.

A Casa Líquida, como experiência que se constrói a partir de uma ação performática, define contornos e ganha características por efeito de uma junção entre metodologia de pesquisa e vida. Entender como guiar as consequências de uma ação, que impactam diretamente no nosso cotidiano, a partir de uma metodologia, é minha práxis como performer e pesquisadora.



Foto1: Antonio em 2015 segurando um cartaz com dizeres que daria início à ação. Foto: arquivo pessoal.

Desde o início entendi que algumas características seriam determinantes para engendrar um território livre e o espaço de pesquisa e criação que a casa é hoje, um deles, e talvez o mais importante, é o fato de não haver transações monetárias conduzindo as trocas. Ninguém paga por morar ou usar o espaço e não existe contrapartidas combinadas a priori. Isso permite com que outros valores emergjam das relações e uma outra espécie de “mais-valor” circule na casa. Como propõe o filósofo Brian Massumi, que visitou a casa em 2019, um “mais-valor vida” (MASSUMI, 2020. P.18).

Outra característica importante é o fato de não haver regras na casa ditadas por mim que determinem a organização do lugar e a dinâmica das relações. As regras são mutáveis e acordadas pelas pessoas que usam o lugar, e os limites são construídos entre cada um, o que exige uma abertura para a escuta e uma disponibilidade para o outro.

No início da ação, em agosto de 2015, eu oferecia uma sala nos fundos da casa para as pessoas utilizarem como quisessem, aos poucos o lugar foi sendo ocupado por artistas que estavam à procura de um espaço de criação. Minha ação de conceder um lugar gratuito e seguro para as práticas artísticas coincidiu, no ano seguinte, com a perda de incentivos municipais para a cultura. A dança foi uma das áreas mais prejudicadas com a nova distribuição dos financiamentos públicos o que fez com que a nossa casa abrigasse durante aquele período até hoje muitos projetos desta área.

Heitor, meu filho mais velho, tinha na época dez anos e Antonio seis. A vontade de propiciar aos meus filhos o contato com outras pessoas e maior abertura para as questões do mundo, foi o que me empurrou para essa radicalidade de vida. Hoje percebo que proporciono a eles uma experiência de família expandida e a possibilidade de fazer parte de uma comunidade que começou a se construir com a primeira pessoa com quem compartilhamos nosso espaço doméstico.

Essa prática de engendrar coletivos se intensificou em 2018 quando minha pesquisa ganhou uma perspectiva mais política e com isso a necessidade de testemunhar um processo de contaminação mais efetivo entre nós três e as diferenças que adentravam a casa, para isso comecei a convidar artistas e pesquisadores para morarem com a gente. Nesta época a casa tinha mais um quarto, além dos nossos, e acolhemos algumas pessoas por períodos que variaram entre três meses e um ano. Fui entendendo que o tempo era um ingrediente importante para os vínculos se intensificarem e empreenderem transformações no ambiente, nas relações e consequentemente nas nossas subjetividades.



Foto 2: Heitor e Inaê Moreira, artista residente em 2018. Foto: arquivo pessoal.

Em 2019 ganhei para usufruto a casa ao lado e com ela a chance de expandir o projeto e radicalizar ainda mais esta experiência. Derrubei o muro que

separava as duas casas e entre elas surgiu um espaço comprido e estreito, uma espécie de caminho, uma passagem. Motivada e orientada pela pesquisa, vislumbrei uma reforma que estimulasse encontros e potencializasse as trocas e que trouxesse para dentro de casa a sabedoria das ruas. Em agosto de 2022 esta outra casa ficou pronta e assim a possibilidade de morarmos com mais nove pessoas.

A pesquisadora Judith Butler em seu livro “Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia” (2018), propõe que a “vulnerabilidade”, isto é, um estado de suscetibilidade, é parte inerente e constitutiva do humano. “O corpo está exposto à história, à condição precária e à força, mas também ao que é espontâneo e oportuno, como a paixão e o amor, a amizade repentina ou a perda inesperada” (BUTLER, 2018, p.147). Segundo a autora, esses encontros nos afetam alterando estados corporais e compondo o que somos, “a vulnerabilidade nos implica naquilo que está além de nós e ainda assim é parte de nós, constituindo uma dimensão central do que pode ser provisoriamente chamado de nossa corporificação”. (BUTLER, 2018, p.147).

Compreender a vulnerabilidade como substancial à nossa constituição é aceitar o inesperado e o indeterminado como inevitável em nossas vidas e o inacabado como imperativo para entendermos a dimensão humana. A partir deste pressuposto entendo que essa performance mobiliza a vulnerabilidade coletivamente arrastando, de forma deliberada, o imprevisível, o movimento e a mudança para as nossas vidas.

Quando decidi abrir as portas da nossa casa ao outro e a todas as contingências que viriam com ele, trouxe para o nosso espaço íntimo os efeitos do mundo, me expus e expus meus filhos às transformações e todas as dificuldades, angústias, dores, prazeres e alegrias que o movimento implica. Isso fica cada vez mais claro à medida que eles crescem. Heitor, hoje com dezoito anos e Antonio com quatorze reagem, de forma mais imediata e visível, a tudo que os afeta. À medida que definem contornos subjetivos e reivindicam autonomia, respondem de forma mais incisiva ao que acontece no ambiente e nas relações, o que também demonstra a vulnerabilidade e o estado de abertura dos seus corpos. Como sugere Butler (2018, p.147) “toda a capacidade de reação ao que acontece é uma função e um efeito da vulnerabilidade – de estar aberto a uma história, registrando uma impressão ou tendo algo impresso no entendimento”.

Hoje compreendo que a ação que performo desde 2015 gerou um experimento sobre coletividade e que meus filhos, apesar de não escolherem esse modo de vida, estão condicionados a ele, o que torna a performance uma ação também sobre maternidade e educação.

Expor a vulnerabilidade dos nossos corpos, entregando as chaves da nossa intimidade para centenas de pessoas é também uma forma de nos preparar e nos proteger para as dificuldades do mundo, pois como explica Butler (2018, p.149), “a força não é exatamente o oposto da vulnerabilidade, e isso fica claro quando a própria vulnerabilidade é mobilizada, não como uma estratégia individual, mas coletivamente”. Estar aberto ao outro e, a partir de outra existência se

reinventar, é uma forma de resistência, de não sucumbir. O outro e a diferença que essa outra existência traz para nossa casa é o que nos desmonta e também o que nos fortalece.

Desde que decidi usar meu corpo, o da minha casa e dos meus filhos para performar uma ação sobre encontros, fui entendendo como preservar as singularidades de cada um que morava na nossa casa como forma de celebrar essa diferença. Festejo a diferença porque é ela, e isso foi ficando cada vez mais claro, que cria as composições diversas necessárias para gerar a sinergia que caracteriza o lugar em que moramos, esse território que desenho há oito anos.

Acredito que as circunstâncias que crio através da observação e do estudo: o fato deste lugar ser uma casa, um espaço doméstico em que mora uma família, em que existe uma amorosidade e cuidado envolvidos, em que existe um respeito quanto ao tempo da experiência, em que as relações de convívio com aqueles que chegam não são estabelecidas por cobranças monetárias o que caracteriza uma atitude de acolhimento, desenvolve, ao longo do tempo, entre os que convivem, alguns vínculos e um sentimento de pertencimento e confiança. Confiança talvez seja a chave para que cada um possa expor sua diferença e exercer sua singularidade. “Aqui posso ser quem realmente sou”, “aqui eu me encontro com minha própria natureza”, “voltei a dar valor ao meu trabalho”, “nunca me senti em casa em São Paulo, aqui eu me sinto”, são algumas das frases que ouço das pessoas que moram aqui e que me fazem acreditar que tenho algum êxito no esforço em criar as condições necessárias para desenhar um lugar seguro em que a diferença possa ser “posta à mesa”, trazida para o jogo.

As diferenças de gênero, cor, idade, repertório de vida, as diferenças socioeconômicas, a diversidade de referências, sonhos, modos de amar, de receber amor, de se colocar no mundo, de fugir dele, as diferentes personalidades se cruzam e se atravessam dentro de uma casa que acolhe e que também possui sua diferença. Nossa casa se localiza num bairro nobre em intenso processo de gentrificação.



Foto 3: Ensaio da performance “Imagine” em 2019 Foto: Vicente Otávio

A antropóloga Anna Tsing em seu livro “O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo” (2022), propõe uma

reflexão sobre as florestas a partir da diversidade de vida que comportam. Como se combinam, cooperam, competem, refazem possibilidades de encontros, criam e destroem paisagens, o que me ajuda a entender mais sobre a sinergia que se cria na casa. A topologia, isto é, as relações e articulações que emergem deste território que é a casa, se refaz toda vez que entram novos moradores e saem outros que permaneceram aqui por um longo tempo, assim como as florestas que renovam ecologias e produzem novas relações a cada fenômeno desestabilizador que obriga novas configurações.

A esses agrupamentos de diferenças, de diferentes espécies no caso de uma floresta, a esses entrelaçamentos de modos de vida em articulação mútua, a autora dá o nome de “assembleias polifônicas”. A qualidade “polifônica” ajuda a explicar a ideia, pois polifonia descreve uma música na qual melodias autônomas se entrelaçam. Diferentemente de outras formas musicais, que através do ritmo e melodias unificados mantem a composição unida (uma coordenação unificada do tempo), a polifonia mantém melodias distintas separadas e simultâneas em que momentaneamente ocorrem momentos de harmonia e dissonância entre elas. Essa percepção é exatamente a necessária para se perceber os múltiplos ritmos e trajetórias temporais desta ideia de assembleia que a autora traz para a reflexão.

“Mãe, a nossa casa é um ecossistema”, assim falou Antonio aos onze anos ao perceber a diversidade de histórias e espécies que conviviam com a gente. Se eu fizer um recorte dos últimos quatro meses na casa podemos descrever este agrupamento, esta ecologia (ou ecologias), mencionando eu, Heitor, Antonio, Yná, Edu, João, o outro João, Lua, Vicente, Vinicius, Zil, Hélio, Diana, Fabio, Manu, Midi, Musa, Luana, Iara, mais os nossos gatos e todas as plantas que cultivamos no nosso jardim². Essa nossa assembleia, que preserva e celebra as

diferentes melodias de cada um, possui “padrões de coordenação não intencionais” (TSING, 2022, p.68) o que cria “interação de ritmos e escalas temporais nos diversos modos de vida reunidos” (TSING, 2022, p.68).

Nas relações que se estabelecem no grupo, as composições variam, combinações esporádicas aperfeiçoam características específicas, promovem conexões, alianças, cooperações, competições, rivalidades que repelem e reconfiguram essas combinações. A topologia deste território mostra pessoas que se unem por afinidades, por signos compartilhados, valores que se assemelham, por dores partilhadas, e que assim colaboram entre si. Mas também mostra que estas mesmas características podem repelir combinações criando outras configurações para paisagem. Como lembra a autora, “as assembleias não se limitam a reunir formas de vida; elas as criam” (TSING, 2022, p.68), observar estas assembleias é testemunhar como um encontro pode se tornar um *acontecimento*, algo mais do que a soma das partes envolvidas.

2 <https://www.youtube.com/watch?v=YWeiHWk6v7k> - link para o vídeo “Mãe, a nossa casa é um ecossistema”, feito pelo artista Erneste Filho sobre a Casa Líquida e as relações que nela emergiram entre novembro de 2022 e maio de 2023.

O que observo e procuro escrever, como pesquisadora, é a estória desta paisagem, que se forma e se deforma a todo momento, esta trama cambiante e complexa de articulação e colaboração que é a comunidade que se constrói a partir da casa.

E como escreve a autora, “a estória das paisagens é ao mesmo tempo fácil e difícil de se contar. Às vezes ela é relaxante ao ponto da sonolência fazendo-nos acreditar que não estamos aprendendo nada de novo” (TSING, 2022, p.235), mas estamos, é só olhar com generosidade.

No meu caso interfiro e atuo de forma arbitrária nesta paisagem, não só fazendo uma curadoria das pessoas que moram na casa e tecendo com cuidado essa teia, como observando e me abrindo para a escuta de cada um (esta é a parte mais difícil: me despossuir dos meus predicados, encarar preconceitos e destruir certezas), captar o modo de percepção de cada vida aqui manifestada, sua qualidade de presença e entender quais atitudes e escolhas devo tomar em relação à pessoa e ao ambiente, que circunstâncias devo criar para que ela exponha de forma mais contundente sua diferença e componha com sua singularidade. Digo que o que faço é uma espécie de *jardinagem*. Criar condições para que aquela pessoa possa descobrir uma aptidão, uma habilidade e desenvolvê-la; potencializar sua existência e conseqüentemente afirmar sua presença no jogo das relações. E trabalhar relações, desenhando-as, é modificar e criar um ambiente que é o que possibilita engendrar um lugar, um território.

Identifico uma semelhança na pesquisa quando a autora percebe a atuação destas assembleias na criação das paisagens da floresta como uma “engenharia de ecossistemas” (TSING, 2022, p.240) e uma “performance de habitabilidade” (TSING, 2022, p.233), sugerindo que é a partir das relações que se criam, nas articulações dos inúmeros ecossistemas existentes, que se formam lugares com determinados potenciais de vida ou de morte.

O mais difícil para mim como pesquisadora foi não só aceitar os conflitos que a convivência com muitas pessoas gerava, como aceitar a importância deles e incluí-los na pesquisa. Talvez por se tratar da minha própria casa, da minha própria vida e dos meus filhos, resisti a compreender como o conflito atua e de que forma ele pode ser benéfico no sentido de trazer outra ordem de movimento à essa experiência.

Em um capítulo intitulado “A perturbação como começo, design não intencional” (TSING, 2022, p.225), a autora me ajuda a entender como as “perturbações”, que dizem respeito a toda a ordem de fenômenos desestabilizadores que afetam as florestas podem contribuir para expandi-las e fortalecê-las. “Eu faço da perturbação um começo, isto é, uma abertura para a ação. A perturbação realinha as possibilidades para um encontro transformador acontecer” (TSING, 2022, p. 227). A perturbação, no caso das florestas, é uma mudança nas condições ambientais que gera uma mudança expressiva em um ecossistema. Uma “bagunça” causado por uma ação inesperada, um caos produzido que reconfigura ecologias, conexões e colaborações que desaparecem e reaparecem em outros contextos e que podem ocasionar “uma retomada de crescimento de maneira exuberante” (TSING, 2022, p. 237).



Foto 4: Julia Feldens com artistas residentes em 2022. Foto: Manuela Eichner.

As perturbações por aqui são também muito variadas, o que desestabiliza o ambiente pode ser a saída de um morador, a chegada de outro, uma paixão que irrompe, uma desigualdade social e econômica que se evidencia numa determinada situação. São mais do que simples desconfortos e desentendimentos que acontecem no dia a dia. Essas perturbações modificam a topologia, muda o quadro das relações. Outras alianças e sentimentos no jogo. Outros pares e trios. Fantasmas e lembranças trazem outros desejos, emergem outras configurações físicas, outro ritmo, outra energia. Um novo lugar. A casa está sempre mudando de forma. É sempre já outra paisagem.

Viver sob o impacto desta ação e escrever sobre as consequências desta experiência no seu corpo e na sua vida embaralha perspectivas e lugares de fala. Ser quem executa e quem analisa traz para o corpo da pesquisa e para a ação performática outras nuances e densidades. Há oito anos misturo vida e arte, prática e teoria em um só exercício de paixão.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembléia*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

MASSUMI, Brian. *99 teses sobre a revalorização do valor*. São Paulo: Glac edições, 2020.

TSING, Anna. *O cogumelo no fim do mundo*. Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. 1ª edição. São Paulo: N-1 edições, 2022.

Submetido em: 18/07/2023

Aceito em: 24/12/2023